

Pensar os devires negros da literatura brasileira requer, antes de tudo, uma visada rizomática sobre a produção da literatura negra. A produção literária nacional já entrou em devir, vive seus devires negros desde Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, Luiz Gama, Lima Barreto à Maria Carolina de Jesus, Racionais Mc's e Conceição Evaristo. Há uma densa e potente tradição negra na nossa literatura. O que não há, na tradição das letras brasileiras, é uma crítica que tenha acompanhando esses devires negros com a potência de sua rebeldia ético-estética.

Esse dado começa a mudar nas últimas décadas do século XX e, já no século XXI, ganha sistematicidade após a implantação da Lei 10.639/2003 e sua atualização, a Lei 11645/2011, determinando a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Houve uma força tarefa dos intelectuais negros na produção de material didático, cursos de especialização, revistas acadêmicas e grupos de pesquisas, movimentações que impulsionaram a produção de um saber afrocentrado sobre a história e a produção cultural, no Brasil.

Embora essas mudanças sejam ainda insuficientes para reverter o quadro do racismo estruturante que constitui o cerne da sociedade brasileira, elas abalaram sua estrutura nefasta e violenta, ao ponto de estarmos assistindo a um recrudescimento bizarro dos sistemas de controle e cerceamento que ameaçam retroceder as conquistas dos movimentos negros, pondo em risco a política de cotas e já retirando a obrigatoriedade da Lei 10639/2003, além da promessa de intensificação do genocídio que devasta a população negra.

Esse número da revista Fólio trata do genocídio do povo negro, do epistemicídio. Mas trata também da vida da população negra e de tudo que ela produz de potência, de beleza e de teoria; seus saberes e sua contribuição crítica e epistêmica para pensarmos a literatura e a vida. Sobre suas contribuições inestimáveis, não apenas para a cultura nacional, mas para o mundo, colocando para nós uma nova perspectiva de relacionamento com o real, com propõe Muniz Sodré, em *A verdade seduzida*. É a cultura negra, na diáspora, que pode ajudar o mundo a ver uma possibilidade outra de civilização.

Portanto, quando falamos que os textos a seguir discutem os devires negros da literatura brasileira, é necessário compreender esse devir em seu sentido rizomático, não estamos falando da literatura brasileira como ela é pensada pela tradição hegemônica da crítica, mas como uma produção inevitavelmente conectada com a afrodiáspora, por isso é fundamental reconhecermos, nesse devir, desde os diálogos centrais com a tradição iorubana até as produções dispersas no Atlântico Negro, passando pelo hip hop e pela literatura periférica no Brasil. Não haverá crítica capaz de compreender os devires negros da literatura brasileira se desconhecer as conexões transatlânticas que também os produzem.

Portanto, é preciso que haja um devir negro na crítica literária brasileira. A defasagem epistêmica a que o eurocentrismo condenou as teorias da literatura que protagonizam o campo literário nacional, só pode ser vencida a partir de uma abertura às epistemologias negro-brasileiras e indígenas, como pede Henrique Freitas, em o *Arvo e a arkbè*. É necessário, ao menos dois movimentos críticos básicos: a) criar inteligibilidade, repertório crítico, operadores analíticos, categorias teóricas específicas, que nos possibilitem compreender o jogo de produção de sentidos nos textos não-canônicos; e b) descolonizar as categorias analíticas da crítica tradicional, esse é o trabalho de uma teoria e de uma crítica contemporâneas, como afirma Jorge Augusto, em *Contemporaneidades periféricas*.

A partir da religiosidade negro-brasileira e sua cosmogonia, dos trânsitos com a diáspora, dos diálogos e do contínuo com a tradição iorubana, da compreensão da oralidade com base fundamental de uma produção negra, da produção epistêmica em diferença, de uma periferia negra, cada uma dessas linhas de fuga acionam o devir negro na literatura

brasileira. Todos esses afrorizomas (FREITAS 2016), atravessam os textos que seguem e nos mostram a diversidade e multiplicidade da experiência negra no Brasil e na diáspora. Por meio de suas formulações teórico-críticas e ético-estéticas, os artigos a seguir contribuem para o devir que propõem, funcionando como dispositivos que acionam os devires negros no campo literário brasileiro.

Laroyê

*Zoraide Portela Silva* – Uneb

*Jorge Augusto de Jesus Silva* – Ufba; Ifma